

Farpas e ironia em lugar de agressões

A.G.

A civilidade e o respeito às regras foram o principal ponto diferenciador entre o debate de domingo e os três realizados anteriormente pela Rede Bandeirantes. Contrastando radicalmente com o bate-boca verificado no último encontro (16 de outubro), desta vez, prevaleceu o respeito aos adversários, no debate entre os 7 presidenciáveis. Se Fernando Collor, Sílvio Santos (que justificou a ausência pela não formalização de sua candidatura), Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves recusaram os convites para participar do programa pensando em repudiar depois o seu "baixo nível", saíram perdendo.

Embora não tenham ocorrido agressões pessoais nem momentos de exacerbação, como no debate anterior, houve várias trocas de farpas, durante as mais de três horas de discussão. A apresentadora Marília Gabriela demonstrou maior segurança, ajudada que foi pela mudança das regras: os apartes foram limitados a um para cada intervenção do candidato replicante e o direito de defesa foi restrito àqueles mencionados de forma crítica, por critério da direção da emissora.

Caiado X Lula

Os momentos mais acalorados do debate ficaram por conta de Ronaldo Caiado, sobretudo quando ele investiu contra Luiz Inácio Lula da Silva para lhe perguntar quem paga o jatinho branco usado pelo petista para correr o País e lhe cobrar explicações sobre o caso Lubeca, que surgiu de uma denúncia feita pelo próprio Caiado no debate anterior. Lula disse ter sido informado pela Polícia de que nenhuma irregularidade foi provada. Sobre o jatinho, nada falou. No final do programa, passou a Gabriela um documento que demonstraria todos os seus gastos com transporte aéreo.

Caiado comparou o caso Lubeca ao escândalo Naji Nahas. E enfatizou o envolvimento do vice-prefeito de São Paulo, Luiz Eduardo Greenhalg, a quem acusou também de estar tomando medidas judiciais para expulsar posseiros de sua fazenda no Vale da Ribeira, no interior paulista. Lula, defendendo o seu correligionário, falou que pior faz a



Brizola: programa econômico é detalhe (respondendo à pergunta de Paulo Maluf sobre o tema)

União Democrática Ruralista (UDR, da qual Ronaldo Caiado é presidente licenciado). Mostrando recortes de jornais, disse que a entidade comprou mais de 70 mil armas com o dinheiro arrecadado em leilões.

Brizola X Maluf

A polêmica entre Lula e Caiado iria longe. Este chegou a propor ao primeiro um pacto, que obrigaria a ambos a renunciar, no caso de comprovação das denúncias (quanto a Caiado, no que diz respeito às armas; e em relação à Lubeca, para Lula). O candidato petista rejeitou a proposta, qualificando-a de "bravata desconjurada". E optou pela ironia. Quando o líder rural lhe cobrava a chance de responder uma pergunta sua, alfinetou: "Quando você chegar a 1,5% nas pesquisas, eu pergunto".

Leonel Brizola foi provocado por Paulo Maluf, que o colocou numa situação embaraçosa ao indagar qual seria a sua política cambial. Brizola considerou a questão "um detalhe", disse que o seu programa econômico não está pronto, por se encontrar em discussão com a

população, abrindo a guarda para o concorrente. Maluf ressaltou a falta de programa de governo do pedetista e concluiu: "O senhor não entende nada de economia". Brizola, sarcástico, criticou a "auto-suficiência" de Maluf.

Covas X Afif

Conforme prometera, Afif Domingos partiu para cima de Mário Covas, acusado de "marxista" convertido agora ao capitalismo. A reação foi fulminante: "Passa o tempo e as pessoas não mudam. O deputado Afif nasceu numa época em que chamar o outro de marxista dava cadeia (...). Não sou marxista. Se fosse, diria. E talvez até tenha várias caras, mas nenhuma delas é a cara de um omisso". Maluf, pouco depois, saíra em defesa de Afif, alvejando Covas.

Traçou uma biografia nada lisonjeira do pessedebista: a de um ex-janista que foi "marxista" na Constituinte para, em seguida, pregar o "choque de capitalismo" e buscar o seu vice em "um grande nome da Arena e do PDS", referindo-se a Roberto Magalhães. Acu-

sou ainda o senador paulista de ter "fraudado", em seu programa no horário eleitoral, o que de fato ocorreu no último debate.

Sílvio Santos

Maluf foi, porém, alvo de Lula, que acusou um de seus assessores, Luiz Carlos Lupatelli (dono da empresa agrícola Manasa), de ter recebido financiamento público e não utilizá-lo na finalidade do empréstimo: desenvolver atividades de reflorestamento. Maluf falou que desconhecia o assunto mas prometeu, se eleito presidente, encaminhar quaisquer casos do gênero para a Justiça, mesmo que envolvam amigos seus.

Na maior parte do tempo, os debatedores polemizaram com relação à entrada de Sílvio Santos na disputa, o que só não foi criticado por Maluf, Caiado e Afif. Este cobrou coerência a Brizola, Lula e Covas, lembrando que o lançamento de um novo candidato só é possível porque o PDT, o PT e o PSDB concordaram, através de seus líderes na Câmara, em manter o veto do presidente José Sarney.